

ABERTURA DA REUNIÃO DA COMISSÃO PERMANENTE DOS ASSUNTOS EUROPEUS (FMAC)

07 de Abril de 2008

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional
Exmo. Senhor General Ramalho Eanes
Exmo. Senhor Presidente da FMAC
Exmo. Senhor Presidente da CPAE/FMAC
Exmo. Senhor General CEMGFA
Exmo. Senhor Presidente da Com. Parlamentar de Defesa
Exmo. Senhor General CEME
Exmo. Senhor General CEMFA
Exmo. Senhor Representante do CEMA

Ilustres Membros da CPAE
Ilustres Convidados
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em Lisboa hoje acontece História. Hoje, os que a História colocou por vezes, na Europa, frente a frente, encontram-se aqui, mais uma vez, lado a lado. Hoje e nos dias próximos, a partilha de memórias e a colocação em comum dos nossos problemas e da sociedade, deverá conduzir-nos à abertura de soluções que nos sejam úteis a nós combatentes, aos vindouros, à juventude e aos nossos governos. Falamos como responsável por uma instituição secular de voluntários que, em Portugal, ao longo de todo o século XX, se bateu pelo apoio aos Combatentes por Portugal. Somos a Liga dos Combatentes. Nascemos para apoiar os doentes, mutilados, gaseados, cegos e abandonados pelo estado, após a I Grande Guerra Mundial e fizemo-lo também perante as consequências dos outros conflitos em que Portugal tomou ou toma parte.

A nossa história permite, assim, hoje podermos afirmar que não somos a Liga dos Antigos Combatentes ou a Liga dos Ex Combatentes. Somos a Liga dos Combatentes do Passado, do Presente e do Futuro de Portugal. É que, para nós, ser Combatente é um estado de espírito. É ter uma predisposição permanente para o desenvolvimento e preservação da paz, da liberdade, da igualdade e da justiça entre os homens e entre as nações. Somos uma instituição patriótica e humanitária e com este secular estatuto vos acolhemos. Por isso prosseguimos em permanência as recomendações da FMAC e tal como vós, diariamente procuramos aprofundar numa Liga Solidária, o apoio social aos combatentes vivos, batendo-nos pela resolução dos seus problemas e a garantia da sua dignidade como homens e cidadãos. Assim como honramos os mortos e com a ajuda do Governo, executamos

um Plano de Conservação das Memórias e de dignificação dos cemitérios de guerra espalhados por Portugal e pelo mundo inteiro, onde se encontram inúmeros militares portugueses, como sinal de mútuo respeito, de memória futura e, porque não, como testemunhos vivos da futilidade da guerra. No ano em que decorre o 90º aniversário da Batalha de La Lys, na I GG, de profundo significado para Portugal, bem como o 90º aniversário do fim da I Grande Guerra Mundial, de profundo significado para a Europa e para o mundo, é importante, uma vez mais, ao evocar este aniversário da história, sublinhar a Declaração Universal dos Direitos do Homem, bem como os Princípios Básicos e Objetivos das Nações Unidas.

Nomeadamente o respeito pelo ser humano nascido igual em dignidade e direitos, o respeito pelas soberanias, pela integridade territorial e inviolabilidade das fronteiras, a solução pacífica de conflitos, como base para a preservação da paz e da segurança, enfim o respeito pela Lei Internacional Humanitária durante e após os conflitos. Sem menosprezar, no atual contexto internacional, o indispensável aprofundamento da cooperação internacional entre os estados, organizações internacionais, incluindo as NU e a UE, no combate a todas as formas de terrorismo e no erradicar das causas económicas, políticas e sociais que lhe possam dar origem. Temos conosco a experiência de guerra que nos permite poder afirmar que deve ser esse o caminho. O caminho da solidariedade e da cooperação entre as forças democráticas e progressistas do mundo. Defendemos que só a conjugação de uma estratégia do espírito e uma estratégia da razão conduzidas ao mais alto nível dos diferentes atores influentes da estratégia mundial e os mais influentes da estratégia espiritual das igrejas, poderá conduzir ao entendimento entre a moderação e o fundamentalismo. Esta a mensagem que no ano do 90º aniversário do Armistício, gostaríamos marcasse este encontro de Lisboa da CPAE da FMAC, isto é: - A procura das grandes linhas e atores para a definição de uma estratégia da razão e uma estratégia do espírito que possam servir de base ao entendimento nas relações internacionais entre a moderação e o fundamentalismo.

Ou seja, contribuirmos para o encontro de linhas de orientação e de ação que promovam a minimização do terrorismo internacional e da violência na sociedade. Por isso, consideramos e defendemos que nós combatentes, acumuladores das experiências europeias mais dramáticas da vida, continuamos a ter lugar na sociedade moderna, como agentes promotores de reflexão e de ação, bem como elementos moderadores e catalisadores dos governos e das juventudes a quem, como conhecedores da guerra e do terrorismo, podemos testemunhar o valor incalculável da Paz. É na procura da visibilidade deste objetivo que a Liga dos Combatentes se empenhará na organização da Marcha do Combatente pela Paz, no próximo dia 21 de Setembro, no prosseguimento da linha orientadora da ONU e da FMAC.

É esse o real sentimento do valor da nossa experiência como combatentes: sermos grandes promotores da Paz. Como contrapartida apenas solicitamos aos Governos e à sociedade que sejam os grandes promotores da resolução dos problemas dos

seus combatentes. Não é porém, esse o entendimento generalizado dos responsáveis pela sociedade moderna, para com os seus antigos combatentes. Termino, desejando-vos excelente trabalho e estadia bem como o maior sucesso ao Senhor Brigadeiro Ian Townsend na condução dos trabalhos que a partir de hoje se vão realizar em Lisboa. Não quero terminar, no entanto, sem aproveitar a ocasião para transmitir ao senhor General Presidente Ibrahim Hamid da FMAC que seria com muito gosto que veríamos uma próxima reunião da FMAC ter lugar em Portugal, provavelmente nos Açores.

Ilustres Congressistas

Muito obrigado por terem vindo e com a vossa presença honrarem e dignificarem a nossa reunião. Mantemo-nos à vossa inteira disposição.